

O que significa o Plano Baker para nós?

Até que ponto o "Plano Baker" beneficiará os países endividados? Este deverá ser um dos principais assuntos da reunião de chanceleres e ministros da Economia de 11 países da América Latina, que começa segunda-feira, em Montevidéu.

A nível técnico, o encontro foi aberto pelo chanceler uruguai, Enrique Iglesias, que propôs exatamente uma análise exaustiva do Plano Baker, proposto pelo secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker III, durante a assembleia conjunta do Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial, realizada em outubro em Seul.

Como se recorda, Baker sugeriu a concessão de empréstimos de US\$ 29 bilhões (dos quais US\$ 20 bilhões provenientes dos bancos privados) para a rolagem, nos próximos três anos, das dívidas de 15 países. Em troca, estes países teriam de aceitar os planos de ajuste

do FMI, reduzir a participação do Estado na economia e aumentar as suas importações.

Aparentemente, o único aspecto do plano que mereceu apoio unânime dos devedores foi o fato de, através dele, o governo norte-americano ter reconhecido que a solução do problema da dívida não é meramente técnica, e sim política. Trata-se de um ponto que voltará a ser salientado nesta reunião de chanceleres na capital uruguai.

Este será o quarto encontro dos devedores latino-americanos. O primeiro aconteceu em Cartagena, na Colômbia; o segundo, em Mar del Plata, na Argentina, e o último, em Porto Rico. Em todas essas ocasiões, o Brasil recusou a idéia de participar de um "cartel de devedores", mas recentemente o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, salientou que o governo também não aceita um "cartel de credores".

Seja como for, vários bancos privados, a começar pelos que têm maiores créditos a receber, já manifestaram apoio ao "Plano Baker". Recentemente, Lewis Preston, do Morgan Guaranty Trust, comunicou sua adesão em nome de diversas instituições como o First National Bank of Chicago e o Mellon Bank. Preston qualificou o plano de "positivo e construtivo".

Ontem, em Buenos Aires, um alto funcionário do governo argentino afirmou: "Vamos a Montevidéu convencidos de que desta reunião sairá um documento coletivo consistente e que será uma resposta ao Plano Baker".

— Se isto acontecer — disse —, já será um grande avanço. Afinal, há apenas um ano, havia grandes dúvidas sobre a importância prática do grupo de Cartagena, que agora se transforma num interlocutor válido junto aos países ricos.